

NOTAS E CITAÇÕES AO IV CAPÍTULO

- (1) - BÍBLIA DE JERUSALEM. Evangelho de S. Lucas (3,22). S.Paulo Ed. Paulinas, 1973.
- (2) - SOUZA, P. João Cardoso de CSsR. O Santuário de Trindade. In: Revista da Arquidiocese. Goiânia, ano II, nº VI, junho, 1958, p. 9 "O Santuário de Trindade é o único no gênero: não se encontra outro dedicado à Ss. Trindade no mundo".
- (3) - QUINQUE LUSTRA. Op. cit. p. 30: "Non est inventus similis illi"
- (4) - JAIME, Jarbas. Esboco Histórico de Pirinópolis, v. II. Goiânia, UFGO, 1971, p. 547-549.
- (5) - BÍBLIA DE JERUSALEM. Evangelho segundo S. Mateus (28,19): "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo..."
- (6) - BOULENGER, A. Historia de la Iglesia. Buenos Aires, Editorial Poblet, 1951. No sec. IV surgiu a Doutrina de Ario (280-336), presbítero de Alexandria, no Egito, que ensinava que o Filho não era da mesma natureza que o Pai, embora fosse sua criatura mais perfeita (p.149); essa doutrina foi condenada pelo Concílio de Nicéia (325), mas surgiu o Semi-arianismo, do bispo Eusébio de Nicomédia, segundo o qual o Filho era apenas semelhante (*omoiousios*) e não consubstancial (*omoousios*) ao Pai; a doutrina foi condenada no Conc. de Constantinopla I em 381 (p.151). Em relação à Terceira Pessoa Divina, o Espírito Santo, surgiu o Macedonianismo, doutrina do Bispo Macedônio de Constantinopla, que negava simplesmente a divindade do Espírito Santo, o que foi condenada também no 1º Concílio de Constantinopla (381); mais tarde, no sec. IX surgiu a Questão do "Filioque", exposta pelo Patriarca Fócio de Constantinopla, segundo a qual o Espírito Santo não procede do Pai e do Filho, mas do Pai através do Filho. Essa questão tipicamente "bizantina" será uma das causas do Cisma entre as Igrejas Oriental e Ocidental (p.257-258).

7. - BARBOZA, P. Manoel. op. cit. p. 262
8. - FREIRE, Gilberto. CASA GRANDE E SENHORA. 16 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973, p. 436 registra o testemunho de um senhor de engenho em 1855: "Em nome de Deus, amen, Padre, Filho e Espírito Santo, Três Pessoas Distintas e num só Deus verdadeiro. Saibão quantos este testamento viram que no anno do Nascimento da Nossa Senhora Jesus Christo de 1855, aos dois dias do mes de outubro do dito anno, eu Manoel Thomé de Jezus, estando em meu perfeito juizo e em casa de minha moradia no engenho novo de Noruega freguezia de Nossa Senhora da Escada, Pernambuco, faço o meo testamento na forma, modo e maneira seguinte..."
- (9) - JAIME, Jarbas. Esboco Histórico de Pirenópolis, v. I, cap. XXVI, p. 321: "Em nome da Ss. Trindade Padre, Filho e Espírito Santo, Tres Pessoas Distintas e Num So Deus Verdadeiro a Quem eu Joaquim Alves de Oliveira, Comendador da Ordem de Christo, Cavalleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro e da Rosa, firmemente creio e em tudo o que manda a Santa Madre Igreja Catholica Romana, em cuja fé sempre vivi e protesto morrer e estando eu presentemente em meu perfeito juizo e entendimento, mas enfermo de molestias, temendo-me da incerteza do ultimo dos meus dias, faço esse meu Testamento..."
- (10) - ARQUIVO DA PARÓQUIA DE CAMPINAS. Livro de Óbitos nºI, fl. 1 v. "Aos nove de julho de 1836 faleceu repentinamente de parto Manoella Roza de Moraes casada com José Pires, morador na fazenda denominada Padre Eterno, no Distrito da Villa do Bomfim e foi sepultada nesta capella de N. S. de Conceição de Campinas".
- (11) - "SANTUÁRIO DE TRINDADE". Ano III, nº65, p.2 de 01-07-1924: "Constantino Xavier Maria era mineiro, entrara em Goyaz pelo anno de 1830... e trouxe de sua terra o Santo de sua devação: era uma verônica representando as Pessoas da Ss. Trindade coroando N. S. Maria Santíssima".
- (12) - QUINQUE LUSTRA. Op. cit. p. 24: "Os paroquianos são cerca de seis mil, geralmente pessoas de boa índole, simples, sendo que a maioria imigrou do Estado de Minas Gerais".
- (13) - PIRES, P. Heliodoro. Temas de História Eclesiástica no Brasil. S. Paulo, S. Paulo Ed., 1946, p. 251 ss.
- (14) - BARBOSA. P. Manoel. op. cit. p. 18
- (15) - TORRES, João Camilo de Oliveira. História das idéias religiosas no Brasil. A Igreja e a Sociedade Brasileira. S. Paulo, Grijalbo, 1968, p. 183 ss.

- (16) - SILVA NETO, D. Belo Horizonte. B. Víçoso, Apóstolo de Minas. Belo Horizonte, 1965, p. 75 ss.
- (17) - RICCI, Riolando. Movimento Brasileiro de Reforma Católica durante o sec. XIX. In: Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 34, fasc. 135, Setembro, 1974, p. 646-661 (Comunicações).
- (18) - BARBOSA, P. Manoel. Op. cit. p. 21
- (19) - FROMM, Erich. Psicanálise da Religião p. 47-48
- (20) - PIN, Emile. Elementos para uma Sociologia do Catolicismo Latino Americano. p. 71
- (21) - Idem. op. cit. p. 70
- (22) - João Camillo de Oliveira Torres. Op. cit. 59-65
- (23) - BIBLIA DE JERUSALEM. Op. cit. Evangelho de S. João, 18,36
- (24) - João Camillo de Oliveira Torres. Op. cit. p. 86
- (25) - Gonçalves Fernandes, O Sincretismo Religioso no Brasil, p. 31.
- (26) - Roger Bastide. Brasil, Terra de contrastes, p. 163.165
- (27) - P. Eduardo Hoornaert. Para uma História da Igreja no Brasil, p. 120-130.
- (28) - Maria Augusta Calado de Saloma Rodrigues. O Divino de Trindade. op. cit. p. 58-59. A autora critica os sacerdotes por proíbirem folias e congadas na Festa de Trindade.
- (29) - OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Religiosidade Popular na América Latina. Revista Eclesiástica Brasileira, vol.32, fasc. 126, junho de 1972, p. 354-364.
- (30) --A IGREJA CATÓLICA NO BRASIL: uma perspectiva sociológica . Revista Eclesiástica Brasileira (REB), vol33, fasc.129, p. 72-91, março de 1973.
- (31) - COMBLIN, J. Para uma tipologia do Catolicismo no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 28, fasc. 57, set. 1968.
- (32) - BECKER, Nicolau S.V.D. Romarias: questionamento através de uma pesquisas. Revista Eclesiástica Brasileira, vol.34, fasc. 135, setembro de 1974, p. 546.571.
- (33) - AZEVEDO, Fernando de. A Cultura Brasileira: introdução ao Estudo da Cultura no Brasil. Vol. 1, 3 ed. S. Paulo, Melhoramentos, 1958, p. 196.
- (34) - MOOG, Viana. Bandeirantes e Pioneiros p.111
- (35) - PIN, P. Emile S. J. Elementos para uma Sociologia do Catolicismo Latino-American , Sociologia Pastoral. Petrópolis, Vozes, 1966, p. 68-78.
- (36) - ELIADE, Mircea. Traité d'histoire des Religions.Paris, Payot, 1974 p. 15-16.
- (37) - ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: a essência das Reli

- stões. Trad. de Rogério Fernandes. Lisboa, Livros do Brasil s.d. p. 20 ss.
- (38) - PIERRE Bourdieu. op. cit. p. 72s.
- (39) - DEELEN, Godofredo J. A Sociologia a serviço da Pastoral, vol. I. Petrópolis, Vozes, 1967, p. 15-18
- (40) - FICKER, C. H. Social relations in the urban parish. Chicago, The University of Chicago, 1956, p. 21-28.
- (41) - ROLIM, A. Em torno da Religiosidade no Brasil. REB, 25:17, 1965
- (42) - DEELEN, Godofredo J. op. cit. p. 27-28
- (43) - TORRES, João Camillo de Oliveira, op. cit. p. 86
- (44) - FREIRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. 16 ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1973, p. 207 ss.
- (45) - PIRES, P. Heliodoro. op. cit. p. 308 ss.
- (46) - FREIRE, Gilberto. op. cit. p. 352 ss.
- (47) - RIBEIRO, René e BASTIDE, Roger. Negros no Brasil: religião, medicina e magia. S. Paulo, USP., 1971, p.1-8.
- (48) - FREIRE, Gilberto, op. cit. p. 352 ss.
- (49) - RIBEIRO, René e BASTIDE, Roger, op. cit. p.5
- (50) - FREIRE, Gilberto, op. cit. p. 324
- (51) - PIMENTA, D. Silvério Gomes. Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso. Mariana, 1920, p. 84.85.
- (52) - FREIRE, Gilberto, op. cit. p. 150-151
- (53) - RIBEIRO, René e BASTIDE, Roger, op. cit. p.16
- (54) - PRADO, Regina. Funcionários Religiosos na zona rural da Baixada Maranhense. REB, vol. 35, fasc. 137, Março, 1975 , p.59-77.
- (55) - FREIRE. Gilberto, op. cit. p. 90-100.
- (56) - HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 7 ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1973, p.31.
- (57) - MOOG, Viana, op. cit. p. 268
- (58) - LEITE, Dante Moreira. Caráter nacional do Brasileiro. S.Paulo, USP, 1954, p.222 s.
- (59) - WOLF, Eric R. Sociedades Camponesas. Rio de Janeiro, Zahar, 1970, p. 108-109
- (60) - LAMBERT, Jacques. Os Dois Brasis. S. Paulo,nacional, 1969, p.118 e 243.
- (61) - FREIRE, Gilberto, op. cit. p. 15
- (62) - CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro, Francisco' Alves, 1957, 25 ed. p.119.
- (63) - HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização' Brasileira. O Brasil Monárquico. T.II, vol.4. S. Paulo D.E.L., 1971, p. 319s.

- (64) - PRADO JUNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. Vol. 3, fasc. 4, 3 ed. São Paulo, Brasiliense, 1957, p.326-327.
- (65) - PIRES; P. Heliodoro, op. cit. p. 370.
- (66) - TORRES, João Camillo de Oliveira, op. cit. p. 31
- (67) - PRADO JUNIOR, Caio, op. cit. p. 330-331
- (68) - BARBOSA, P. Manoel, op. cit. p.25s.
- (69) - PIRES, P. Heliodoro, op. cit. p.252.264-
- (70) - SILVA, Cº J. Trindade da Fonseca e. op. cit. p. 198
- (71) - BARBOSA, P. Manoel, op. cit. p. 27
- (72) - AZZI, Riolando, op. cit. p. 647
- (73) - TORRES, João Camillo de Oliveira, op. cit. p. 179
- (74) - PIRES, P. Heliodoro, op. cit. p. 429-430
- (75) - HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira, op. cit. p. 319
- (76) - BARBOSA, P. Manoel, op. cit. p. 27
- (77) - AZZI, Riolando, op. cit. p.646-647
- (78) - PIRES, P. Heliodoro, op. cit. p. 118
- (79) - TORRES, João Camillo de Oliveira, op. cit. p. 157
- (80) - PIRES, P. Heliodoro, op. cit. p. 184
- (81) - AZZI, Riolando, op. cit. p. 647
- (82) - IDEM, op. cit. p. 648-649
- (83) - TORRES, João Camillo de Oliveira, op. cit. p. 33 e 39
- (84) - WEBBER, Max. The Sociology of Religion. Boston, Beacon Press, 1963 p. 80-84
- (85) - PIMENTA, D. Silvério Gomes, op. cit. p. 89-93
- (86) - PRADO JUNIOR, Caio, op. cit. p. 279-337.
- (87) - AZZI, Riolando, op. cit. p. 656
- (88) - MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Os Franciscanos e a Formação do Brasil. Recife, UFP., 1969, p. 14-192
- (89) - CORTEZÃO, Jaime. Os Franciscanos na vida e na expansão de Portugal. In: Missões Franciscanas, Poto, nov.-dez., 1967, p. 14s.
- (90) - FREIRE, Giberto, op. cit. p. 324 s.
- (91) - MORAES, Maria Augusta Sant'Anna. História de uma Oligarquia: Os Bulhões, p. 14-15
- (92) - PALACIN, Luiz. Goiás, 1722/1822 - Estrutura e conjuntura numa Capitania de minas, p. 137.
- (93) - SAINT-HILAIRE, Augusto de. Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás. Trad. de Cláudio Ribeiro de Lessa, vol. I, p. 329 s.
- (94) - PALACIN, Luiz. Op. cit. p. 158
- (95) - FRANÇA, Maria de Sousa. Povoamento do Sul de Goiás: 1872-1900, p. 44
- (96) - DOLES, Dalisia Elizabeth Martins. As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no sec. XIX, p. 56

- (97) - CÍVICA, Jaime. Os tempos da mudança, p. 21s.
- (98) - MORAES, Maria Augusta Sant'anna, op. cit. p. 36-37
- (99) - ROSA, Joaquim. Por esse Goiás afora, p. 36 ss.
- (100) - LEAL, Oscar, op. cit. p. 114, 168 e 179.
- (101) - VEIGA, João. Ipameri Histórico, p. 86
- (102) - AUDRIN, J. M. Entre Sertanejo e Índios do Norte, p. 203
- (103) - RELATÓRIO do Presidente Aristides Spinola. A Instrução e as Províncias. III col. p. 557 ss.
- (104) - MORAES, Maria Augusta Sant'anna, op. cit. p. 34-35
- (105) - FRANÇA, Maria de Souza, op. cit. p. 114-115
- (106) - PALACIN, Luiz, op. cit. p. 17-18
- (107) - TRINDADE, J. da Fonseca e Silva op. cit. p. 62
- (108) - IDEM, op. cit. p. 42
- (109) - CHAIM, Marivone Matos. Os Aldeamentos Indígenas na Capitania de Goiás, p. 148
- (110) - TRINDADE, J. da Fonseca e Silva, op. cit. p. 48
- (111) - CHAIM, Marivone Matos, op. cit. p. 150
- (112) - ALMEIDA, Victor Coelho de. Goiás: usos, costumes e riquezas naturais, p. 59
- (113) - TRINDADE, J. da Fonseca e Silva, op. cit. p. 59
- (114) - IDEM, p. 76 - 77
- (115) - IDEM, p. 72
- (116) - IDEM, p. 81-91
- (117) - VEIGA, João, op. cit. p. 93-94
- (118) - TRINDADE, J. da Fonseca e Silva, op. cit. p. 130-313
- (119) - IDEM, p. 180-222
- (120) - SILVA, D. Ehardo Costa e, op. cit. p. 20
- (121) - TRINDADE, J. da Fonseca e Silva, op. cit. p. 299
- (122) - FREIRE, Gilberto, op. cit. p. 443
- (123) - PIRES, P. Heliodoro, op. cit. p. 366.390
- (124) - TRINDADE, J. da Fonseca e Silva, op. cit. p. 201 ss.
- (125) - FRANÇA, Maria de Souza, op. cit. p. 76
- (126) - TRINDADE, J. da Fonseca e Silva, op. cit. p. 413 ss.
- (127) - LEAL, Oscar, op. cit. p. 153 e 157
- (128) - JAIME, Garbas, op. cit. p. 112 s.
- (129) - ROMAIN, Roussel. Les Pèlerinages et travers les siècles p. 6 e 30
- (130) - Idem, p. 7ss.
- (131) - Idem, p. 317
- (132) - DUPONT, Alphonse. Pèlerinage et lieux sacrés, p. 190-199
- (133) - ROMAIN, Roussel, op. cit. p. 121
- (134) - DUPONT, Alphonse, op.cit. p. 201-203
- (135) - WACH, Joaquim, op. cit. p. 75 e 130
- (136) - "O POPULAR" - 16-08-1975, p.24

- (137) - RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Salima, op. cit. p. 33
- (138) - "FOLHA DE GOIÁS" - 6-7-1966, p.3
- (139) - ROMAIN, Roussel, op. cit. p. 162
- (140) - WAND, Francisco, op. cit. p.24 "Neste Santuário tudo é original e a devoção dos fieis manifesta-se de maneiras as mais variadas e curiosas: pode-se observar que às vezes se juntam 8 ou 10 grupos de romeiros em pontos diferentes da grande igreja, para lá, rezarem e cantarem, sem que um grupo dê atenção ao outro. Não é raro que algum romeiro, que fora salvo de um perigo ou desastre pela invocação do Divino Padre Eterno, repita ao vivo a cena, tal qual se deu com ele, por exemplo o ataque de uma onça, e a ameaça de ser esmagado debaixo das rodas de um carro de bois etc."
- (141) - "O POPULAR" - 16/08/1975, p. 24 em reportagem sobre a Festa, descreve a origem da Festa na fase do ciclo do ouro em Goiás, sendo resultante da promessa de um piedoso "Capitão do Mato" que recebeu a incumbência de acabar com um "Quilombo" na região de Trairás, hoje Niquelândia, na atual Micro-Região da Chapada dos Veadeiros, na região central do Estado.
- (142) - AUDRIN, J. M. - op. cit. p. 201 ss.
- (143) - "O POPULAR" - 16/08/1975, p. 24 - Há também uma reportagem sobre a Festa do Bom Jesus da Lapa, no nordeste goiano, município de S. Domingos, na Gruta Terra-Ronca. Essa devoção foi trazida por baianos, "há mais de 30 anos", como réplica da Lapa da Bahia.
- (144) - SILVA, D. Eduardo Duarte e, op. cit. p. 36
- (145) - "O SANTUÁRIO DE TRINDADE", ano III, nº 66, p2 de 12/7/1924 sob o epígrafe "A Santa de Jaraguá ou Dica dos Anjos", diz textualmente o seguinte: "vive nas bandas do rio do Peixe uma moça histérica, impostora e visionária a quem o povo ignorante e supersticioso se deixa prender e para lá se dirige para ser batizado, crismado e casado sob os auspícios de tal embusteira. É caso para a intervenção da polícia"... No ano seguinte (04/07/1925) sob o título "Fim da Santa Dica e A Revolução" estampou o seguinte: "E a Sta. Dica? Sumiu-se ou antes quietou-se. Ora pois, agora poderia fazer uma boa obra: fazer cahir sobre os revoltosos que estão ameaçando nosso estado, aquela chuva de machadinhas que prometeu para os que ne-la não acreditavam..."

C O N C L U S Ã O

A situação de Goiás, em meados do sec. XIX, era de precariedade. Isolada do resto do Império pela carência de meios de comunicação, com suas minas praticamente esgotadas, a Província mediterrânea não participava dos progressos verificados n'outras partes do Império, advindos em função de fatores vários, como a denúncia do Tratado de 1810 com a Inglaterra, a cessação do tráfico negreiro e o já sólido império do café.

O isolamento se completava com a estagnação econômica, em que pontificava uma agro-pecuária, praticamente de subsistência, a despeito dos lampejos verificados no período da guerra do Paraguai, que despertou momentaneamente as energias produtoras da gente goiana. Fugaz foi o clarão das esperanças. Terminada a luta, tudo voltou à situação anterior. Isolamento, decadência e estagnação.

Em termos de realidade, a situação significava para o povo goiano um mundo de dificuldades e adversidades: politicamente era apenas lembrado para solver obrigações de taxas e impostos e em vésperas de eleições; sob o aspecto econômico, a população conseguia sobreviver, não sem dificuldades; a sociedade era rural, em termos quase que absolutos, emergindo nela apenas a figura do fazendeiro, geralmente coronel da Guarda Nacional e senhora da situação, não existindo propriamente uma burguesia comercial; a cultura era privilégio já que o sistema escolar era altamente deficitário; mesmo a religião, sob seus aspectos formais, estava ausente, principalmente em função do sistema do Padroado que agrilhoava a Igreja, impedindo seu desenvolvimento.

Tal situação se prestava muito bem para o desenvolvimento de formas populares de religião, já que a Religião Oficial do Império, ou seja o Catolicismo Romano, não tinha condições nem físicas, nem morais, para impor-se com todos os seus princípios e rituais formalizados. Consolidou-se assim um Catolicismo Popular em oposição ao Catolicismo oficial, caracterizado pelo humanismo, messianismo, ruralismo, verticalismo e providencialismo, como polo oposto do caráter autoritário, salvífico, eclesial, horizontal e ritual do Catolicismo Oficial.

Foi nesse ambiente que nasceu e vicejou inicialmente a devoção à Ss. Trindade, mais especificamente ao Divino Padre Eter-

no, como última instância para a solução de todas as dificuldades que, por contingências da época, eram d'outra forma insolúveis. A devoção ao Divino Padre Eterno nasceu e desenvolveu-se sob a égide da religiosidade popular, sob os aspectos especiais do messianismo e do providencialismo; essa devoção desenvolveu-se no sentido de integração positiva e coesiva, não apenas em relação à população local, como também em relação a elementos de outros núcleos: daí o desenvolvimento da romaria do Barro Preto, nome antigo da atual Trindade.

O desenvolvimento espontâneo e natural, verificado durante a vigência do Padroado, sofreu um impasse profundo e mesmo ameaça de colapso total com a transmissão da administração do Santuário do Divino e da Romaria ao poder eclesiástico. As tentativas de impor os modelos elaborados do Catolicismo Oficial esbarrou, inicialmente com hábitos e interesses já solidificados pelo uso e costume quase cinquentenários, produzindo atritos que por pouco não degeneraram em tragédias. O interdito sobre o Santuário debrou as resistências, não porém a religiosidade popular em seus aspectos informais, ainda hoje existentes.

Cessada a luta aberta, com a suspensão do interdito eclesiástico, e após um curto intervalo de "guerra fria" entre o elemento religioso, representado principalmente pelos PP. Redentoristas Alemães, e o elemento proeminente da administração anterior, o culto e a romaria do Divino começaram a ganhar projeções mais amplas, principalmente a partir de 1912, quando foi inaugurado um novo Santuário que, na época, era o maior templo religioso do centro-oeste brasileiro. Para tanto não se pode deixar de considerar a atuação multiforme dos Redentoristas junto à população trindadense e junto aos romeiros: estes foram "trabalhados" tanto durante a romaria e a festa anual, como remotamente através de Missões Populares, Desotrigas, Novenas, Semanas Santas e Tríduos.

A romaria aproveitou-se cada vez mais das infra-estruturas que condicionaram primeiro a mudança da capital estadual para Goiânia, da qual Trindade é quase arrabalde, e posteriormente a transferência da sede federal para Brasília. Com as facilidades verificadas, máxime no setor dos transportes, percebe-se que a romaria cresceu, não apenas em números absolutos de participantes como também no prolongamento de sua irradiação além dos limites do Centro-Oeste. Desta forma, Trindade solidifica cada vez mais sua situação de maior Centro Religioso do Centro-oeste-Brasileiro. Sob outro aspecto, a Romaria que se restringia anteriormente apenas à participação na Festa anual, em inícios do mês de julho, ganha cada vez mais características de continuidade, movimentando devotos de cidades vizinhas também em feriados e domingos.

O caráter, até hoje predominantemente descontínuo da Romaria, é responsável pela inexistência de uma função religiosa específica em Trindade, o que constitui quase que um paradoxo: uma 'cidade-Santuário, reconhecida como o maior centro religioso do Centro-oeste Brasileiro, destituída daquela função.

Na realidade, o antigo arraial de Barro Preto, hoje Trindade, nasceu e teve seu desenvolvimento inicial só os auspícios do fator religioso. Quer parecer, porém que isso foi apenas em termos da formação do arraial, pois o todo, a região que integrará o futuro Município de Trindade permanecerá nas bases da agropecuária. A população rural, pelo menos até a década de 20, tinha uma predominância na proporção de 5 por 1 e esta população apenas se servia do Santuário para suas devoções ocasionais ou cumprimentos de obrigações cristãs; jamais viveu em função do Santuário ou da Romaria.

Semelhantemente ocorreu em relação à população do arraial propriamente dito. A Festa e a Romaria ocupavam apenas cerca de dez dias do ano e os romeiros muita pouca causa adquiriam no comércio local, visto que além de gêneros alimentícios, até lenha levavam para seu uso. É possível que muitos apenas usassem a água do lugar. Nestas bases, a cidade não teve condições de desenvolver os elementos que caracterizam um centro religioso: como hotéis, pensões, restaurantes, lojas de "souvenirs", de santinhos e ex-votos e muito menos um artesanato condizente, se bem que no passado, como referem moradores mais antigos, não faltassem elementos que fabricavam terços religiosos de capim e quadrinhos de santos, aliás bem rústicos, mas com muita aceitação devido a predominância de pessoas rústicas, da zona rural, entre os romeiros.

Assim sendo, não existe realmente uma função religiosa em Trindade que apenas recebe, mas não tem condições de hospedar os romeiros e adventícios. A intensa comercialização verificada por ocasião da Festa é manipulada por elementos alheios à cidade, em grande parte, e que manipulam produtos advindos de mercados também externos. Cessada a Festa desaparece toda a azáfama, voltando Trindade aos padrões normais das demais cidades da Micro-região, a despeito de visitas individuais de romeiros em fins de semana, fato em vias de desenvolvimento.

Trindade possui assim duas faces: a Trindade tranquila e pacata, simples aglomerado urbano médio do Mato Grosso de Goiás e a Cidade-santuário por ocasião da Festa em fins de junho e começos de julho quando regorgita e se agita, com a presença de dezenas de milhares de peregrinos que, no fim da "Festa", partem prometendo voltar no próximo ano. Depois que partem, Trindade desperta para a realidade.

Por outro lado, parece também ficar claro que as ~~principais~~ -
des multidões que demandam a Cidade-Santuário, por ocasião da Festa
anual, em termos gerais são mais representativas da zona sul do
Estado de Goiás, mais especificamente da Micro-região do Mato Grosso
Goiâno, onde Trindade está situada. Os dados obtidos permitem
mesmo supor que bem limitados são os representantes do centro e nor-
te do Estado, assim como aqueles de outras Cidades* da Federação, em
que apenas Brasília, Minas Gerais e S. Paulo oferecem alguma expre-
são, principalmente na década de 50 para cá, quando vem melhorando
o sistema de comunicações.

Tal averiguação não priva todavia a cidade de Trindade
de sua categoria de "maior centro religioso do Centro-oeste brasi-
leiro", apenas delimita um pouco seu raio de penetração e retira
os alicerces de suposições superficiais. Não padece, porém dúvida
de que a Romaria de Trindade é o fenômeno religioso que mais movi-
menta, não apenas massas no Estado de Goiás, como também os esca-
lões governamentais em suas várias esferas, além do elemento ecle-
siástico que se desloca para a Festa em quase meia centena de sa-
cerdotes, caso único talvez no Estado.

Com a melhoria cada vez maior dos meios de comunicações,
com a importância que Goiás vem adquirindo no cenário nacional e
com o aumento paulatino de romarias em fins de semana é possível
que ainda venham ser contestadas duas conclusões fundamentais do
presente trabalho; a inexistência de uma função religiosa propriamente
dita em Trindade e o raio relativamente diminuto de penetra-
ção da romaria.

I. FONTES

1 - Documentos Manuscritos-datilografados.

1.1 - Estado de Goiás

- Secretaria de Segurança Pública. Departamento de Investigação Criminal (DIC) - Registro de ocorrências na Festa de Trindade (1970-1975).
- Departamento do Trânsito (DETRAN). Relatórios sobre a Festa de Trindade (1975 e 1976).

1.2 - Prefeitura Municipal de Trindade.

- Atas da Câmara Municipal. Registro de Leis(1946-1975)
- Dados sobre o Município de Trindade, 1974
- Coletoria Municipal. Livro de registros.
- Dados sobre o Ginásio Divino Padre Eterno (1976)
- Relatório sobre as outras públicas (1976)
- Relato histórico sobre Intendentes e Prefeitos Municipais.

1.3 - Paróquia de Campinas-GO-Arquivo Geral

- Crônicas dos PP. Redentoristas (1894-1976)
- Crônica da Vice-Província de Goiás (Brasília) pelo Pe. Lourenço Gahar CSSR, 1905
- Livro de Avisos nas Missas Dominicais (1896-1975)
- Livro de Registro de Batizados I,II,III,IV,V e VI(1836 -1928)
- Livro de Registro de Casamentos I,II,III,IV (1836-1928)
- Livro de Registro de Óbitos I,II e III (1836-1928)
- Livro do Tombo I,II e III (1836-1928)
- Notícias sobre Goiás pelo P.Francisco Wand, 1922.
- Quarenta anos de Apostolado em Goiás (1895-1935) pelo' P. Nestor de Souza CSSR.
- Pasta contendo Cartas, Portarias, Avisos e Circulares diversos.
- Registro de atendimento a enfermos (1899-1928)

1.4 - Paróquia de Trindade-Arquivo Geral.

- Crônica dos PP.Redentoristas (1948-1976)
- Dados Referentes à Trindade. Extrato do Livro do Tombo da Paróquia de Campinas (1895-1928)
- Livro da Consulta Doméstica (1948.1976)
- Livro do Tombo I,II e III (1928-1976)

- Pasta contendo Cartas, Portarias, Circulares e Relatórios diversos.
 - 1.5 - Colégio Sta. Clara - Arquivo das Irmãs Franciscanas
 - Crônicas das Irmãs Franciscanas em Goiás - 1924 e 1925
 - 1.6 - Cúria Arquidiocesana de Goiânia - Arquivo Geral
 - Autobiografia de D. Eduardo Duarte e Silva
 - Autobiografia de Mons. Ignácio Francisco de Souza.
 - Notas esparsas do Cônego J. Trindade da Fonseca e Silva.
 - Sobre Goiás - Anexos contendo relatórios sobre as Paróquias Goianas.
- 2 - Documentos Oficiais Publicados
- 2.1 - Da área nacional
 - Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, v.XXXVI.I, B.' G.E., Rio de Janeiro, 1958
 - Censo Agro Pecuário: Goiás, v.I, T.XXIII, Rio de Janeiro, 1970
 - Censo Demográfico: Goiás, v.I, T.XXIII, - VIII Recenseamento Geral, Rio de Janeiro, 1970
 - Censo Demográfico de 19 de julho de 1950. I.B.G.E., Rio de Janeiro, 1952
 - Censo Demográfico de 1960. I.B.G.E., Rio de Janeiro, - 1961
 - Censo Demográfico de 1970. I.B.G.E., Rio de Janeiro, - 1973.
 - Censo Econômico de 1975. I.B.G.E. Delegacia do Estado de Goiás. Setor de Coleta.
 - Goiás, uma nova fronteira humana. Conselho de Imigração e Colonização. Rio de Janeiro, 1949
 - História Econômica e Administrativa do Brasil. Fenamec, Rio de Janeiro, 1970
 - Recenseamento Geral do Brasil de 19 de setembro de 1920, v.IV, 5a. parte: o Estado de Goiás. Rio de Janeiro, 1930.
 - Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1970. Estado de Goiás. Rio de Janeiro, 1971.
 - 2.2 - Da área estadual
 - Balanço Geral de 1973. Secretaria da Fazenda.
 - Levantamento Histórico e Econômico dos Municípios Goianos. Secretaria da Educação e Cultura, 1970.
 - Micro-Regiões Econômicas. Cartogramas Sócio-Econômicos. Secretaria da Indústria e Comércio, 1974.
 - Relatório sobre a Mudança da Capital do Estado. Secção de Obras da Imprensa Oficial, 1934.

3 - Documentos Eclesiásticos Publicados.

3.1 - Da Arquidiocese de Goiânia (Goiás).

- Carta Pastoral sobre o Culto Interno e Externo e Regulamento sobre as Festividades e Funções Religiosas de D. Eduardó Duarte e Silva, 1892.
- Carta Pastoral de D. Prudêncio Gomes da Silva, 1909
- Instrução Pastoral de D. Eduardo Duarte e Silva, 1892
- Poliantéia. 25 anos de benefícios a Goiás. Homenagem a D. Emanoel Gomes de Oliveira, 7º Bispo de Goiás (1923 - 1948)
- Regulamento para as Festas e Funções Religiosas em todas as Egrejas Matrizes e respectivas Capelaes, D. Prudêncio Gomes da Silva, 1909.

3.2 - Da Congregação Redentorista (CSSR).

- Quinque Lustra Provinciae Bavarae in Brasilia (Cinco lustros da Província Bávara no Brasil). Edição comemorativa, em latim, 1919.
- Os Redentoristas em Goiás: 1894-1964. P. João Cardoso de Souza C.Ss.R., Revista da Arquidiocese de Goiânia, 1964
- O Santuário de Trindade. Pe. João Cardoso de Souza - CSSR. Revista da Arquidiocese de Goiânia, 1958.
- Redentoristas - 70 anos em Goiás. Revista da Arquidiocese de Goiânia, 1964.
- Sessenta e quatro anos de Apostolado em Goiás. P. João Ribeiro de Carvalho. CSSR. Revista da Arquidiocese de Goiânia, 1958.
- Trinta anos de Apostolado em Goiás. Pe. João Baptista Kiermeier. "Santuário de Trindade", 1924.
- Manual do Devoto de N.Sra. Aparecida. Aparecida do Norte, 1935.
- Novena Perpétua de N.Sra. do Perpétuo Socorro, 1960
- O "Encontro" - Publicação Interna dos Redentoristas, - 1958
- Constituições e Estatutos dos Redentoristas, 1969.

4 - Periódicos

4.1 - Jornais

- "Gazeta Official", Goiaz, 1835
- "O Lídador", órgão da Diocese de Goiás, 1913
- "A Folha de Goiás", diário de Goiânia, 1968
- "O Popular", diário de Goiânia, 1975 e 1976.
- "O Brasil Central", órgão católico, 1959.
- "O Santuário de Trindade", órgão católico, dirigido pelos PP. Redentoristas: 1922-1928 e 1956-1958.

4.2 - Revistas:

- Revista da Arquidiocese de Goiânia, 1958 e 1964.
- Revista Eclesiástica Brasileira nos anos de 1965, 1972, - 1973, 1974 e 1975.
- Folclórica, Goiânia, 1973
- Anuário Histórico, Geográfico e descriptivo do Estado de Goiás para 1910.
- Almanach de Sta. Luzia, 1925.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, T.27 e 28 (1864-1865).
- Revista da Universidade Católica de Goiás, 1974.

5 - Bíblia de Jerusalém. Os Evangelhos. Edições Paulinas, 1968.

II. BIBLIOGRAFIA GERAL

- 001 - ALENCASTRE, José Martins de. Anais da Província de Goiás Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomos 27 e 28, Rio de Janeiro, 1864-1865.
- 002 - ALMEIDA, Victor Coelho, professor. Goiás: usos, costumes e riquezas naturais. S.Paulo, Revista dos Tribunais, 1944.
- 003 - ARAUJO, Délio Moreira. Sobre a construção e importância da Estrada de Ferro. Revista da Universidade Católica de Goiás, ano 2, nº2, 1974.
- 004 - ARTIAGA, Zoroastro. Geografia Econômica, Histórica e Descritiva do Estado de Goiás. 2 v. Tip. Triângulo 1951.
- 005 - ARTIAGA, Zoroastro. Contribuição para a História de Goiás : Coletânea de Documentos. Goiânia, D.E.C., 1947.
- 006 - AUDRIN, J.M. Entre Sertanejos e Índios do Norte. Rio de Janeiro, Agir, 1946
- 007 - AZEVEDO, Cordelino de. Terra Distante: impressões de Goiaz. - Almanach de Santa Luzia, 1925
- 008 - AZEVEDO, Fernando de. A Cultura Brasileira - Introdução à Cultura no Brasil, 3 ed. S.Paulo, Melhoramentos, 1958
- 009 - AZZI, Riolando. Movimento Brasileiro de Reforma Católica durante o século XIX. Revista Eclesiástica Brasileira 34 (135), Petrópolis, setembro, 1974
- 010 - BAKKER, Nicolau. Romarias: questionamento a partir de uma pesquisa. Revista Eclesiástica Brasileira, 34 (135), Petrópolis, 1974.
- 011 - BARBOSA, Manoel. A Igreja no Brasil. Notas para a sua História. Rio de Janeiro, A Noite, 1945
- 012 - BASTIDE, Roger. Brasil Terra de contrastes. S.Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973
- 013 - BOULENGER, A. Historia de la Iglesia. Buenos Aires, Editorial Poblet, 1951
- 014 - BRASIL, Americano do. Súmula da História de Goiás, 2 ed. Goiânia, Edigraf, 1961
- 015 - BURNS, Edward McNall. História da Civilização Ocidental. 2v. Porto Alegre, Globo, 1968
- 016 - CÂMARA, Jaime. Nos Tempos de Frei Germano. Goiânia, Cultura Goiana, 1974
- 017 - CÂMARA, Jaime. Os Tempos da Mudança. Goiânia, 1967.

- 018 - CAVALCANTI, José Ribeiro de. 64 anos de Apostolado em Goiás. - Revista da Arquidiocese, ano I, nº4, abr il maio, 1958, Goiânia.
- 019 - CASSIMIRO, Maria et alii. Análise Preliminar para uma Diagnose do Estado de Goiás. Goiânia, DEC., 1961
- 020 - CHAIM, Marivone Matos. Os Aldeamentos Indígenas na Capitania de Goiás. Goiânia, Oriente, 1974
- 021 - COMELIN, J. Para uma tipologia do Catolicismo no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira, 28 (57), set. 1968.
- 022 - COSTA, Castro. Goiânia, a Metrópole do Oeste. Goiânia, Academia Goiana de Letras, 1947
- 023 - CUNHA, Euclides. Os Sertões. 25 ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1957
- 024 - DEELEN, Godofredo J. A Sociologia à serviço da Religião. Petrópolis, Vozes, 1967
- 025 - DUMERY, Henry. Philosophie de la Religion. Essai sur signification du Christianisme. Paris, Presses Universitaires de France, 1957
- 026 - DUPRONT, Alphonse. Pélerinage et lieux sacrés. In: Methodologie de l'Histoire et des Sciences Humaines. Toulouse, Privat Editeur, 1912
- 027 - ELIADE, Mircea. Traité d'histoire des Religions. Paris, Payot, 1974
- 028 - ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano - A Essência das Religiões. Lisboa, Livros do Brasil, s/d.
- 029 - ENCONTRO. Revista dos PP. Redentoristas: circulação interna, 1958
- 030 - EWBANK, Thomas. Life in Brazil or a Visit to the land of the Cocoa and the Palm. New York, 1856
- 031 - FAISSOL, Spiridião. O Mato Grosso de Goiás. Rio de Janeiro, IBGE., 1952
- 032 X- FERNANDES, Gonçalves. O Sincretismo Religioso no Brasil. Curitiba, Guairá, 1941
- 033 - FICHTER, J.H. Social Relations in the urban parish. Chicago, The University of Chicago, 1956.
- 034 - FRANÇA, Maria Cecilia. Pequenos Centros Paulistas de Função Religiosa. S.Paulo, USP., 1975.
- 035 - FRANÇA, Maria de Souza. Povoamento do Sul de Goiás: 1872-1900. Estudo da Dinâmica da ocupação espacial. Goiânia, UFGO., 1975
- 036 - FROM, Erich. Psicanálise e Religião. Tradução de Iracy Doyle. Rio de Janeiro, Livro Ibero-American, s/d.
- 037 - FREIRE, Bilberto. Casa Grande e Senzala. 16 ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1973

- 036 - GEORGE, Pierre. Panorama do Mundo Atual. S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.
- 039 - GOLDMAN, Lucien. Ciências Humanas e Filosofia. S. Paulo, Difel, 1974.
- 040 - GOMES, Horieste. Introdução à Geografia de Goiás: a Terra. Calvário, 1965.
- 041 - GOMES, Horieste. Geografia Socio-Econômica de Goiás. Goiânia, Brasil Central, 1969.
- 042 - GRASSERIE, R. de la. Psicología de las Religiones. Tradução - de Ricardo Rubio. Madrid, 1904
- 043 - GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. O Planalto Central eo Problema da mudança da Capital. Revista Brasileira de Geografia, 4: 479, Rio de Janeiro, 1949
- 044 - HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Monárquico. Tomo II, v.4. S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971
- 045 - HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 7 ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1973
- 046 - HOMENAGEM A D. EMANUEL. Atuação dos Bispos Goianos em Trindade. Poliantéia, 1948
- 047 - HORNAERT, Eduardo. Para uma História da Igreja no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira, 33 (129), março, 1973, Petrópolis.
- 048 - HORNAET, Eduardo. A Igreja e a Ética do desenvolvimento no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira, 30 (117), março de 1970, Petrópolis.
- 049 - IGREJA CATÓLICA no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira, 33 (129), março de 1973, Petrópolis.
- 050 - INFORMAÇÕES SOBRE BARRO PRETO. Trindade, Gráfica Sta. Luzia, 1958.
- 051 - JAIME, Jarbas. Esboço Histórico de Pirinópolis. 2 v. Goiânia, UFGO, 1971
- 052 - KIDDER, Daniel P. Sketches of Residence and Travels in Brazil. Londres, 1845
- 053 - KIERMEIER, João Baptista. Trinta anos de Apostolado em Goiás. "Santuário de Trindade", ano 3, nº88, 13/12/1924
- 054 - LACERDA, Regina. A Independência em Goiás. Goiânia, Oriente, 1970.
- 055 - LAMEERT, Jacques. Os Dois Brasis. S. Paulo, Nacional, 1969.
- 056 - LEAL, Oscar. Viagem às Terras Goianas. Lisboa, Minerva Central, 1892.
- 057 - LEEUW, G. van der. La Religion dans son essence et ses manifestations. Paris, Payot, 1955.
- 059 - LEITE, Dante Moreira. Caráter Nacional do Brasileiro. S. Paulo, USP., 1.954.

- 060 - MATOS, Odilon Nogueira de. A Fundação da Nova Capital. In: Notícias Bibliográfica e Histórica. Ano III, nº 25, agosto - setembro, Universidade Católica de Campinas, S.P.
- 061 - MATOS, Ruyundo José da Cunha. Chorographia Histórica de Goiás. Livraria J. Leite, 1824.
- 062 - MARROU, Irinée Henri. A História se faz com documentos. In: Do Conhecimento Humano, Lisboa, Pedagogia Universitária, 1974.
063. - MESCHING, Gustav. Histoire de la Science des Religions. Tradução de Pierre Junct. Paris, Lamarre, 1955.
- 064 - MIRANDA; Maria do Carmo Tavares de. Os franciscanos e a Formação do Brasil. Recife, U.F.P., 1969.
- 065 - MOOG, Viana. Bandeirantes y Pioneros. Madrid, Cultura Hispánica, 1965.
- 066 - MORAES, Maria Augusta Sant'anna. História de uma Oligarquia Os Bulhões. Goiânia, Oriente, 1974.
- 067 - MULLER, Max. Chips from a German Workshop. Londres, 1967.
- 068 - NEI, Licardino de Oliveira. Um Lutador. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica, 1975.
- 069 - NOBREGA, Padre Manoel da. Cartas do Brasil: 1549-1560. Rio de Janeiro, 1931.
- 070 - OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Religiosidade Popular na América Latina. Revista Eclesiástica Brasileira, 32(126) junho de 1972, Petrópolis.
- 071 - PANG, Eul-Soo. The Caging Roles of Priests in the Politics of Northeast Brasil. In: The Americas. Washington, 3 (XXX), Jan., 1974.
- 072 - PALACIN, Luiz Gomez. Goiás - 1722/1822. Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas, Goiânia, DEC., 1972.
- 073 - PALACIN, Luiz Gomez. Linha's Estruturais da História de Goiás. Revista da Universidade Católica de Goiás. Ano II. nº 2, 1974.
- 074 - PIMENTA, D. Silvério Gomes. Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso. Mariana, 1920.
- 075 - PIRES, Heliódoro. Temas da História Eclesiástica no Brasil. S. Paulo, S. Paulo Editora, 1946-
- 076 - PIN, Emile. Elementos para uma Sociologia do Catolicismo Latino-American. Sociologia e Pastoral. Petrópolis, Vozes 1966.
- 077 - PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. 5 ed. S. Paulo, Brasiliense, 1957.
- 078 - PRADO, Regina. Funcionários Religiosos na zona rural da Baixada Maranhense. Revista Eclesiástica Brasileira, 35 (134), março de 1975, Petrópolis.

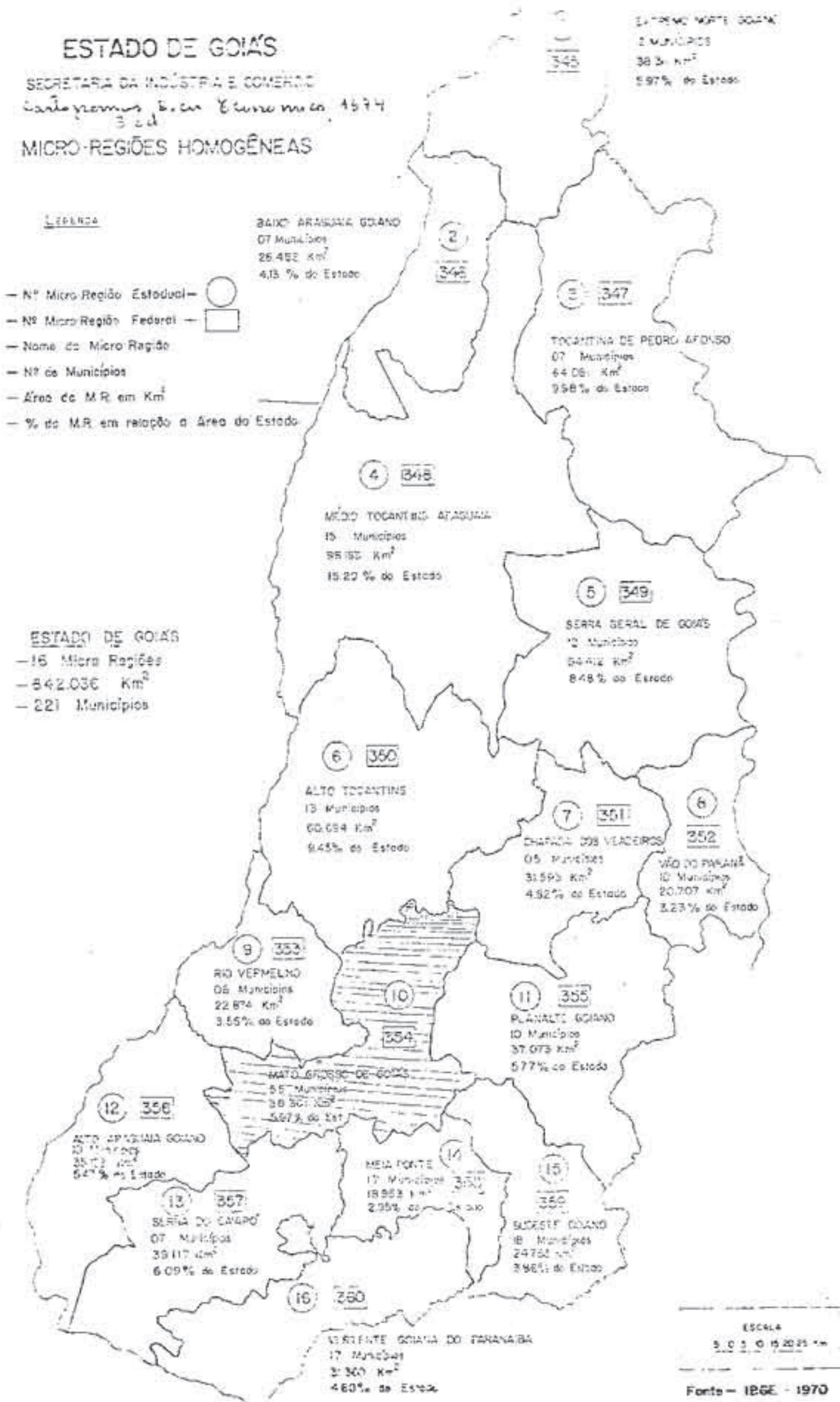
- 079 - CONTE LESTRA Vice Provinciae Barae in Brasilia. Petrópolis - Lis, Vozes, 1919 (Relatório sobre a atuação dos P.P. Redentoristas em Goiás e no Brasil).
- 080 - REDENTORISTAS - 70 anos em Goiás. Revista da Arquidiocese de Goiânia, Ano VIII, n.10, 11 e 12, outubro-novembro e dezembro, 1964.
- 081 - REGLA, Juan. Notas sobre el concepto actual de História. In: Revista de Occidente, Madrid-Castilla, 1963.
- 082 - RIBEIRO, René e BASTIDE, Roger. Neopis no Brasil - Religião, Medicina e Magia. S. Paulo, USP., 1971.
- 083 - RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. O Divino de Trindade. Folclórica, Ano II, n.3, abril-junho, 1973, Goiânia.
- 084 - ROLIM, A. Em torno da religiosidade no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira, 25 (17), 1965, Petrópolis, Vozes.
- 085 - ROSA, Joaquim. Por esse Goiás afora. Goiânia, Cultura Goiana, 1974.
- 086 - ROUSSEL, Romain. Les Pélerinages à travers les siècles. Paris, Payot, 1954.
- 087 - SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás. Tomos I e II. Trad. de Clodo Ribeiro Lessa. S. Paulo, Nacional, 1944.
- 088 - SAINT-HILAIRE, Auguste. Voyage au Rio Grande do Sul. Orléans, 1887.
- 089 - SANTOS, Francisco Ferreira dos. Annuário Histórico, Geográfico e Descriptivo do Estado de Goiás para 1910. Anno I Uberaba, Livraria Sec. XX, 1910.
- 090 - SANTOS, Oscar de Figueiredo. Separação da igreja e do Estado no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis, Vozes, 32 (126), junho de 1972.
- 091 - SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA. In: Atualidade Brasileira. Brasília, 1972, ano XIV, n. 161.
- 092 - SILVA, D. Eduardo Duarte. Instrução Pastoral. Goiás, Typographia S. Tomé Xavier, 1892
- 093 - SILVA, J. Trindade da Fonseca e. Lugares e Pessoas - Subsídios para a História Eclesiástica de Goiás. S. Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1948.
- 094 - SILVA, D. Prudêncio Gomes. Carta Pastoral. Goyaz, Tupografia Diocesana, 1909.
- 095 - SILVA NETO, D. Belchior J. da D. Viçoso, Apóstolo de Minas. Belo Horizonte, 1965.
- 096 - SOUZA, Elza Coelho. Viagem através do Brasil. v. 1o. 3ed. S. Paulo, Melhoramentos, s/d.

- 097 - SOUZA, João Cardoso de. O Santuário de Trindade. Revista Arquidiocese, Goiânia, Ano II, nº 6, julho, 1958.
- 098 - SOUZA, Ignacio Francisco de. Autobiografia. "Santuário de Trindade", dezembro de 1923 a março de 1924.
- 099 - SWANSON, Guy E. A Origem das Religiões Primitivas. Rio de Janeiro-S. Paulo, Forense, 1968.
- 100 - TAVARES, Jeronymo Vidella de Castro. Compendio de Direito Público Ecclesiástico para uso das Faculdades de Direito do Império. 3 ed. Rio de Janeiro, garnier, 1882.
- 101 - TEIXEIRA, Pedro Ludovico. Memórias. 2 ed. Goiânia, Cultura' Goiana, 1973.
- 102 - TORRES, João Camilo de Oliveira. História das idéias religiosas no Brasil. A Igreja e a Sociedade Brasileira. S.Paulo, Grijalbo, 1968.
- 103 - TOURINHO, Eduardo. Esse Continente Chamado Brasil. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1964.
- 104 - VEIGA, J. Ipameri Histórico. S. Paulo, Minox, 1967.
- 105 - VELIZ, Cláudio. América Latina: estruturas em crise. S. Paulo, Ibrasa, 1970.
- 106 - VIDA APOSTÓLICA dos Redentoristas. In: Constituições e Estatutos. Roma, 1969.
- 107 - WEBBER, Max. The Sociology of Religion. Boston, Beacon Press, 1963.
- 108 - WOLF, Eric R. Sociedades Camponesas. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- 109 - WACH, Joachim. Sociologie de la Religion. Paris, Payot, 1955

ESTADO DE GOIÁS

SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Cartograma Socio-Econômico, 1974
3 ed.

MICRO-REGIÕES HOMOGENEAS



Estado de Goiás

Escala - 1:7.000.000

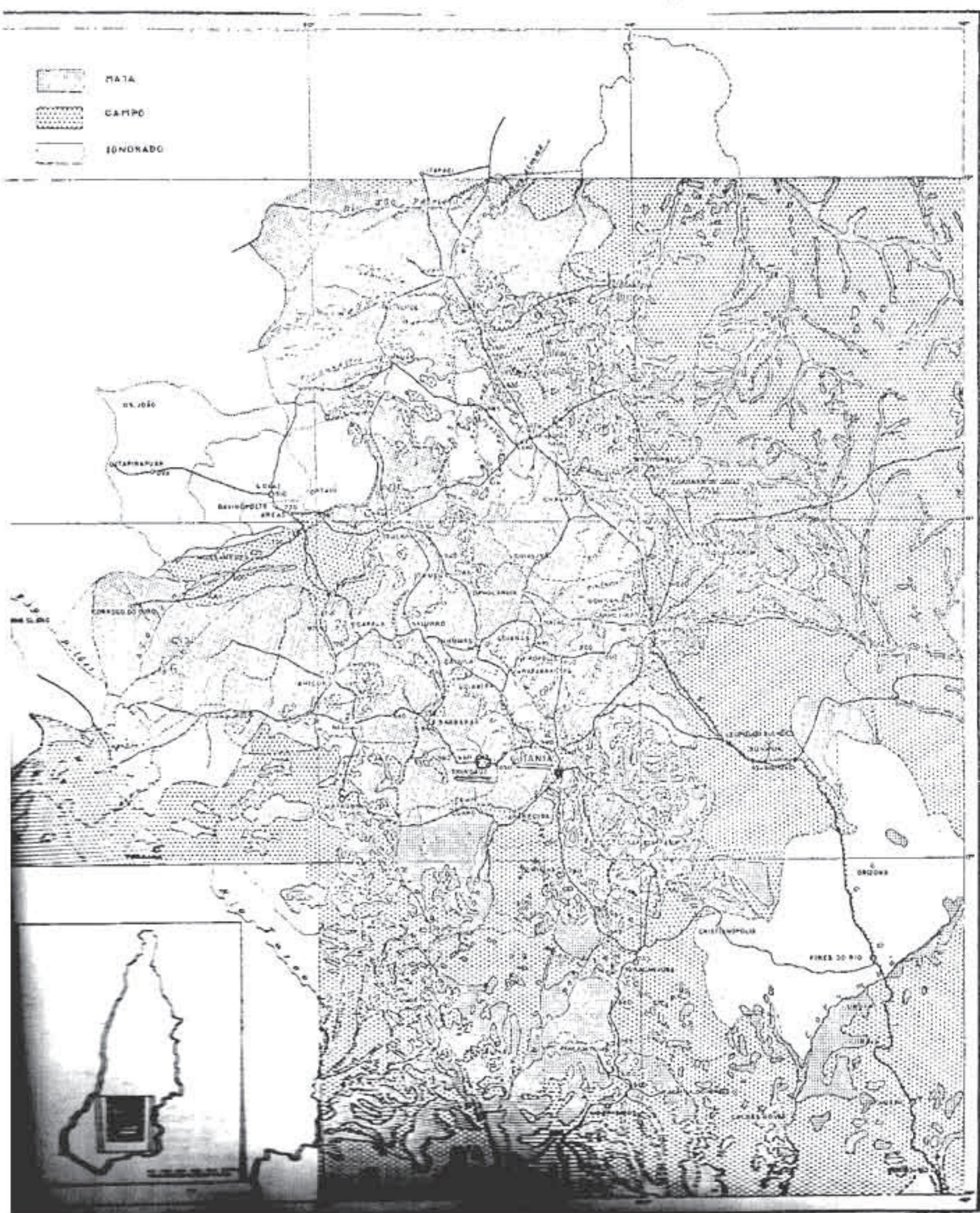
Rodovias.....

Ferroviárias.....

Cbs.- Trindade se comunica com
com Goiânia através da
BR-3 (18 Km), mediante a
qual também se liga com o
Oeste Goiano.



ANEXO N° 4 - MAPA DA VEGETAÇÃO DO CENTRO-SUL DE GOIÁS (Ver a posição de
Trindade no "Mato Grosso" do Estado)





CONVENÇÕES

- CAPITAL DO ESTADO:
- CIDADE MUNICIPAL:
- ÁREA DE MUNICÍPIO:
- ÁREA DE AUTORIDADE E PODES:
- ROTEIRO:
- REGIÃO DE CAVADO:

ESCALA: 1:200.000

FIG. 4 - Mapa preliminar da separação do território da Goiás. Esta figura é o resultado da junção das partes de Iassanjá no "Mapa Oficial do Brasil", elaborado em mapa detalhado, para a área sob o "Mapa Oficial", juntando-se outras partes municipais que se acham nas principais extensões de maior e menor extensão para facilitar a divisão da província de Goiás. As áreas que ficaram só de por si não podem ser identificadas por causa da extensão, entendo as áreas assim denominadas como dependentes

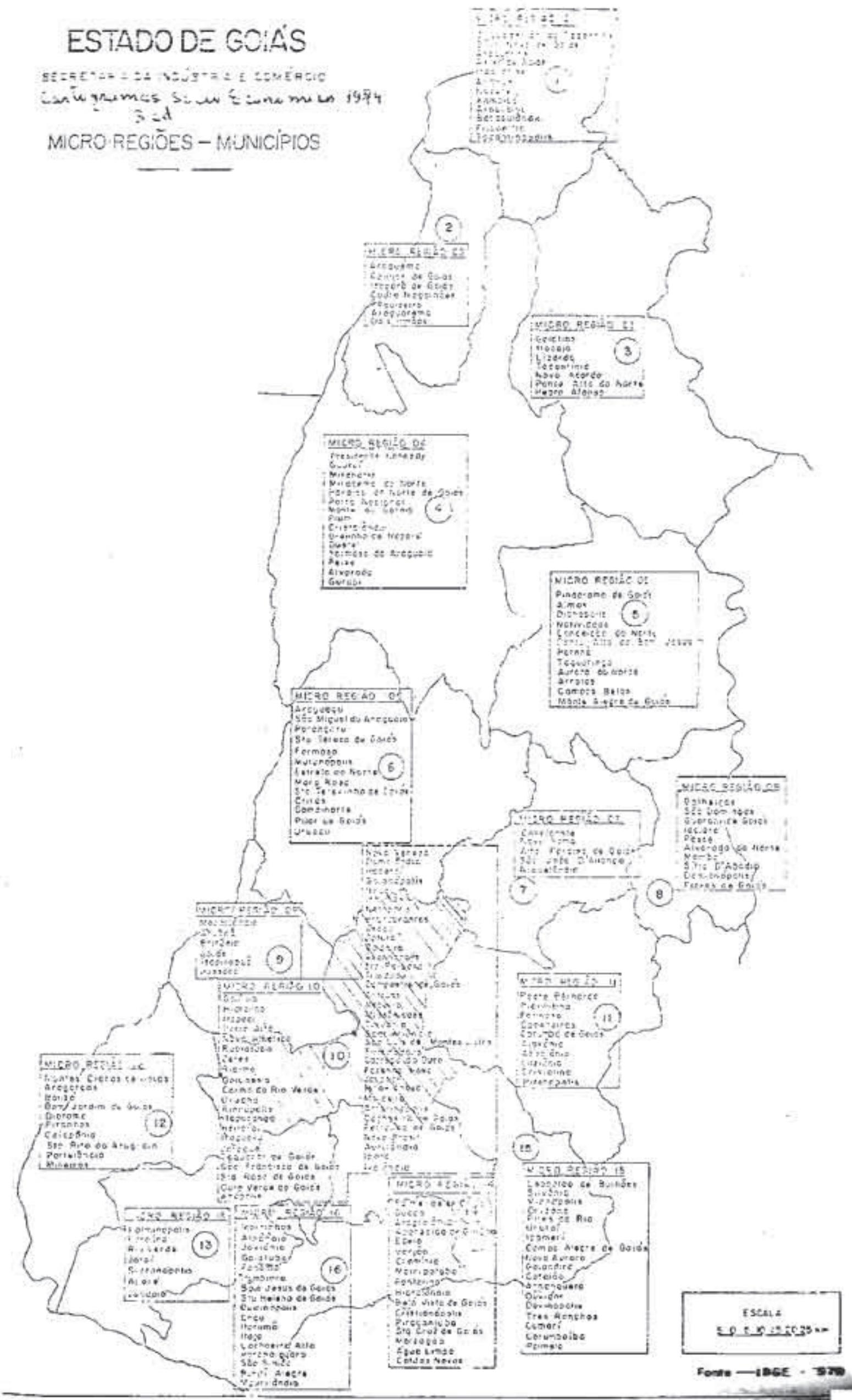
do "Mapa Oficial" de Goiás.

A. GOLYAD 1951

ESTADO DE GOIÁS

SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Conselhos Sociais Econômicos 1994

SÍA
MICRO-REGIÕES - MUNICÍPIOS

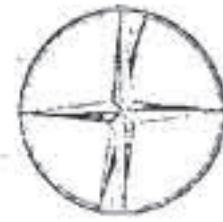


LEVANTAMENTO SEMI-CADASTRAL DA CIDADE DE

TRINIDADE

ESTADO DE GOIÁS

ESCALA DE 1:4.000



(Extrato da Autobiografia de D. Eduardo Duarte e Silva, 5º Bispo de Goiás, documento datilografado, inédito, p.36s. sobre sua primeira viagem à Trindade em 1891):

... "De Bela Vista nos encaminhamos para Campininhos, para dali, saindo da estrada geral ou salineira como chamam, visitar um santuário chamado do "Divino Padre Eterno" no qual durante a viagem iam os goianos falando-me, por se verificarem ali milagres extraordinários, e onde o povo venera um grupo de imagens, representando a coroação de Nossa Senhora no céo mas que todos apeliam imagem do Divino Padre Eterno.

Aquele santuário acodem anualmente romeiros de todo o Estado de Goiás e fora dele para levarem suas ofertas, cumprirem suas promessas e assistirem a festa que se celebra no primeiro domingo de julho. Como sempre em tais lugares de santuários há sempre jogos, bersundelas, brequefestes e reunem-se as bilhardonas e as calonas de todas as freguesias, bem como sujeitos avilanados e rapazes mariolas que aproveitam essa reunião de gente ruim e de marafonas para saciarem a sua luxuria e executarem suas vinganças de sorte que não há anno algum em que não haja assassinatos e ferimentos graves.

A renda annual do santuário é avultada e dela até minha chegada era dona e proprietária uma comissão de tres individuos a que davam o nome de Irmandade! Irmãos de mesa, irmãos do cobre é que eles eram. De pobres tornaram-se fazendeiros, donos de imensas terras e de abundante gado...

De Campininhos nós dirigimos ao arraial do Barro Preto para eu conhecer os fatos e os abusos que ali se dão e até lá tivemos por companheiros de viagem o Conego Ignacio Xavier da Silva, reitor do Seminário, e o Padre Francisco Ignacio da Silva, capelão militar e natural de Uberaba que vieram da Capital dar-me as boas vindas.

Como havia mez e tanto que se tinha celebrado a festa de Barro Preto, logo que cheguei mandei chamar o tesoureiro da celebre Comissão ou Irmandade e perguntei-lhe qual havia sido o rendimento. Respondeu-me que vinte e dois contos. E onde estão? No cofre, respondeo. Pois traga-me a chave porque eu quero verificar e também o compromisso da Irmandade e o Livro de contas.

Veio o tal compromisso, mas a chave e o livro de contas não vieram. Li o caderno que chamavam compromisso, no qual o meu antecessor havia escrito apenas estas palavras: Visto em Visita Pastoral, o que eles da Irmandade julgavam que era uma aprovação canonica. Entre outros artigos estava o seguinte: a metade pertencerá ao Presidente da Irmandade e a outra metade será em partes iguais distribuída entre o Tesoureiro, Secretario e Zelador.

Que tal esse Irmandade? Uma verdadeira Comessão! Lá fiquei trez dias aboletado na sacristia dia e noite a espera da chave e do livro de contas que não apareceram. Reiterando o meu chamado, veio o tesoureiro e afinal confessou que no cofre não havia nada porque o regimento fora aplicado na compra de bois. Marquei-lhe um prazo para a prestação de contas, dissolvi a comissão e nomeei administrador do Santuario o Pe. Francisco Ignacio de Souza até que pudesse lá instalar uma Congregação Religiosa como de fato mais tarde fiz.

Esta providencia absolutamente necessaria e urgente irritou os Irmãos da mesa que revoltaram-se e com seus apaniguados pretendiam matar-me, o que não fizeram porque um caboclo avalentado dali apresentou-se em minha defesa"...

(Extrato da Autobiografia do Bispo D. Eduardo Duarte e Silva, datilografada, inédita, p. 80 a 81 sobre "O Conflito religioso em Barro Preto").

"Seguimos todos para Campininhos, não só para descansar - mos, como para combinarmos o que se havia de fazer, e de lá despa chei o Pe. Francisco Cunha afim de ir sondar o terreno e informar -me bem das disposições daquella gente (de Barro Preto). Tendo ' vindo a Campininhos o Juiz de Direito Dr. Martins, combinei com ' elle, com o Pe. Superior (Redentorista) e os eclesiásticos de mi nha comitiva irmos todos a Barro Preto, uma vez que o Pe. Cunha ' de lá regressando me havia asseverado que o povo lá me esperava e queria receber-me festivamente. - Foi uma cilada, que me prepara ram e na qual infelizmente cahí, e que ia custando a minha vida e de meus companheiros. Marquei saída para a madrugada seguinte, mas não havíamos ainda montado, quando chegam ao convento uns vinte e tantos homens de Campininhos, dispostos a acompanhar-me para se fosse necessário defender-me. Agradeci muito e pedi que voltassem às suas casas, por que eu queria ir só e pacificamente... Rivaes, como eram dos de Barro Preto, os de Campininhos, insistiram affir mando que minha vida corria perigo. Accedi ao pedido com a condi ção, porém, de não levaram nem siquer um canivete; assim o promet teram, mas não o cumpriram, seguindo a minha retaguarda armados , sem eu o saber, até aos dentes. Andadas as cinco legoas que medei am entre Campininhos e Barro Preto, chegamos improvisamente, achan do o arraial em completo silencio. Mandei buscar a chave da Igre ja, que custou muito a ser entregue pelo sacristão "provisionado" pelo Anacleto, e todos entramos. Encheo -se imediatamente o santu ario de gente, e estando eu no Presbiterio apresenta -se o "bispo ' palhaço de circo", que eu não conhecia para tomar -me satisfação , julgar meu decreto mudando o dia da Festa e declarar -me que o ne gro sacristão por ele nomeado não havia de ser destituído - Quem ' é o senhor que me fala com tanta autoridade? perguntei. Sou o Cel. Anacleto, catholico, apostolico, mas não romano. E o senhor? per guntei a outro individuo que o acompanhava. Sou o Cel. Gonçalves' tambem catholico, apostolico mas não romano. Pois então o que pre tendem se não são catholicos romanos, quando eu o sou, os Padres"

c são, o povo o é e esse Santuário é de Católicos Romanos? Qual' naça, contestou o Anacleto, estamos em República e quem governa é o povo e o povo há de fazer como e quando quiser; eu é que hei de administrar as rendas da Romaria e não estes frades estrangeiros. Fiz quanto pude para convencer o homem de que estava completamente laborando em erro, mas foi de balde. Foi então que Frei Joaquim Mastellan, meu companheiro de viagens pastorais, gritou com sua voz estertor: Isso é demais, sr. Bispo; lance o interdito na Egreja e levemos a Imagem e vasos sagrados para Campinhas afim de não serem profanados por esta gente sem noção de verdadeira religião. Assim o fiz, mas ao chegarmos à porta, do lado de fora, havi a grande aglomeração de homens armados de garruchas e um bando de mulheres de viña alegre armadas de faca. Diante daquele espetáculo eu disse aquella gente: Filhos, não vim aqui para amaldiçoar-vos, e sim para perdoar-vos e abençoar-vos. Ajoelham-se todos que lhes vou dar a bênção. Ajoelharam-se todos menos o Anacleto que exasperado gritou: E quem sou eu? Levantem-se todos. Levantaram-se. Reproduziu-se por tres vezes esta cena até que os de fora com o Anacleto à frente berrassem si derem mais um passo à frente, disparamos as garruchas, que apontaram para nós, estando com os dedos nos gatilhos. Os de Campinhas de dentro da Egreja e atraç de mim, responderam: e nós disparamos também as nossas (haviam-me occultado tudo aquillo) - Prevendo o Juiz de Direito a hecatombe que ia dar-se e pedindo que eu voltasse para o altar visto que tinha elle mulher e filhos e não queria morrer, vendo meu famulo Cesar chorar, attendi ao que me pediram, profundamente abatido e ainda em jejum, porque sahiramos de madrugada, cahí desfalecido sobre um catre, em uma casa para onde me levaram. Neste interim o Anacleto mandou distribuir pelos seus apaniguados e pelas meretrizes um pipote de cachaça, os quaes embriagados começaram a espancar à pauladas os nossos animaes. - Estava ainda deitado quando o Anacleto penetra no quarto em que eu estava e em tom insolente e aggressivo diz: entregue-me, já e já, o "Santíssimo de ouro" que um destes frades ia levando. Santíssimo de ouro, respondi... O senhor não sabe o que está dizendo. Não há Santíssimo nem de ouro nem de prata. Aquillo é Custodia, onde se expõe o Santíssimo que é uma Hostia consagrada na Missa. Não me chame de ignorante, retrucou e entregue-me o Santíssimo. Neste momento chega V Fr. Joaquim muito assustado e insiste deixarmos aquelle logar o mais breve possível, estando nos em risco de sermos assassinados por aquela horda de ebrios e prostitutas, que no delírio de embriaguez beravam a cada instante: Viva no céo o Padre Eterno e na terra o Cel. Anacleto! Cançado, extenuado e bastante magoado, voltei para Campinhas decidido a reclamar na Capital dos poderes competentes um "Habeas corpus" o que não consegui, porque o palhaço Ana-

cieto era chefe político em Barro Preto e os proceres da situa-
ção precisavam delle"...

CARTA DE AFORAMENTO

Nº 35.

Terr. da Fabrica da Matriz de

Trindade

Ferreiro

José Antônio de Lima

Fóro annual 2^{fl} 40^s

Em 1 de Junho

de 1925

A Fabrica da Matriz de

Trindade

Diocese de Cuiabá Faz saber que tendo o Sr. José Antônio de Lima
nos requerido o aforamento do terreno pertencente ao patrimônio da Igreja Matriz de

situado à uma rua traçada
recentemente pôr a Intendencia
fazendo de laço expresso com Thomas?
de laço direito e nos fundos com a Esti-
nuaria.

por autorização do
Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano, que para tal fim oferece o Indulto Apostólico, o usaramos
ao dito Sr. José Antônio de Lima pelo prazo de
24 meses mediante o fóro annual de 2^{fl} 8^s
sendo o dito ferreiro obrigado a beneficiar o terreno, que lhe é aforado, ficando a Fabrica desta
Matriz com pleno direito no domínio direto do mesmo terreno sem enju luenga não pode ser
a outra qualquer pessoa transferido o domínio indirecto ou útil do mencionado terreno.

E por esta maneira a Fabrica o ha por aforado a
José Antônio de Lima
com o fóro annual de 2^{fl} 40^s e com as condições
seguintes:

Que o dito fóro pagará todos os annos à vista de recibos, firmados pelo Revmo. Vigário que então
estiver parochialdo, para se lhe carregar em receita, e ficar elle livre da obrigação de tal pagamento
por aquelle mero; o deixando de o fazer por espaço de dois annos contínuos, perderá todo o direito que
no dito terreno tiver, e posto que, an depois quiser pagar a mora, offerendolo para isso todo o dívida, nem
por isso será relevado da pena do Compasso, salvo se a Fabrica o quizer relevá-lo.

Que o dito terreno com suas benfeitorias não passarão em tempo alguma á comunidades religiosas,
e querendo o fazer o outro qualquer pessoa, fará princípio petição à Fabrica representada pelo Fabriqueiro
dizendo que as quer transferir a um anno de tal, por tal preço e com as condições acima ditas, que para isso
lhe dé a competente licença, e com a intença se lha der, qffso poderá passar a novo possuidor, constatado
que este, no termo de trinta dias requira sua Carta de transpoco e informe para sempre se conhecer
a quem se deve cobrar o fóro, e proceder-se aos assentamentos e chaves necessarias nos competentes livros.

Que se por qualquer motivo o dito terreno e suas benfeitorias se houvessem de vender por justiça
se fará primeiro a devida intenção com a Fabrica, que para a resposta daq; se as quer ou não, será esquadrado
cinco dias, findos os quais, não respondendo, estao poderão ser vendidos, pagando-se primeiro os fóros e
landegos.

Quando não poderão ser passados as escripturas segundas que se fizerem de qualquer transferência, sem
que aos escritórios sejam apresentadas as intenções dos jucamento dos ditos fóros e landegos.

Que quando falecer o ferreiro, aquelle a quem tocar o terreno em todo ou em parte, será obrigado
a tirar a certa de informe do quinhão que lhe couber, si não o fizer julgar-se aquelle terreno por
devoluto e cabido em comissão.

E com as ditas condições, obrigações e declarações a Fabrica desta Matriz na Capela lhe por
transpassado e afordo o dito terreno de que faziam posse o presente Carta que vai assinada pelo
Vigário e Fabriqueiro.

Trindade 1 de Junho de 1925.

Eu o Revmo. Vigário: D. Miguel Jorge da Cunha
Vigário e Fabriqueiro a assinei

(Extraido da Carta Pastoral sobre o Culto Interno e Externo e Regulamento sobre as Festividades e Funções Religiosas, de D. Eduardõe Duarte Silva, 1899, p.52 a 53.)

"A propósito das romarias julgamos ser útil transcrever aqui o que tão acertadamente escreveu o P. Manuel Gonçalves Couto no seu livro Missão Abreviada: deixai-vos pois dessas romarias longe porque as romarias de agora são divertimentos. Gente nova para as romarias sem algum dos pais a acompanhar, que é isto? Que romarias se fazem no nosso tempo? Romarias com comedias profanas à noite, toques e bailes, comezainas e borracheiras; até carnes nos dias de abstinencia, sem vergonha, sem religião! Que se observa mais?

Namoros, luxo, nenhum respeito nos Templos!

Que crimes não se cometem já na vespera em que se deita o fogo e em toda aquella noite particularmente sendo esses santuários edificados em lugares desertos, mesmo nos montes?

Os judeus profanaram tanto as solemnidades do Senhor que o Senhor chegou a dizer pelo seu Propheta que lhes havia de atirar na cara com o esterco de suas solemnidades...

E quanto mais estão agora profanadas as nossas festas e romarias? Por ventura poderá olhar Deus indiferentemente para tais profanações que se praticam nas nossas festas? Que se pratica nesta festa de S. João? Que superstições e que torpezas. Que se pratica nesse dia e noite de Endoenças? Que insolencia e desacatos! E nesta noite de Natal? Que excessos e intemperanças! Finalmente: está tudo profanado! Ora pois, eu não vos proibo que vades a algumas romarias, contanto que vades com boa companhia e lá vos occupeis com Deus e tudo de dia; no entanto, sempre vos direi que haveis de trazer mais pecados do que levaes e então se tendes muita devoção a esse Santo ou a essa Senhora ide lá n'outro dia fora do karulho; no dia da Romaria ide antes a vossa egreja, confessai-vos e commungai, visitaos altares e rogai pelas almas de vossos defuntos; depois vinde para a vossa casa e tende sicuter uma hora de lição espiritual. OH! quanto melhor é assim que ir para as romarias longe. Deveis pois assim fazer se tendes desejos sinceros de salvação eterna" (p.52 e 53).

ANEXO Nº 11 -ESTADO DE GOIÁS

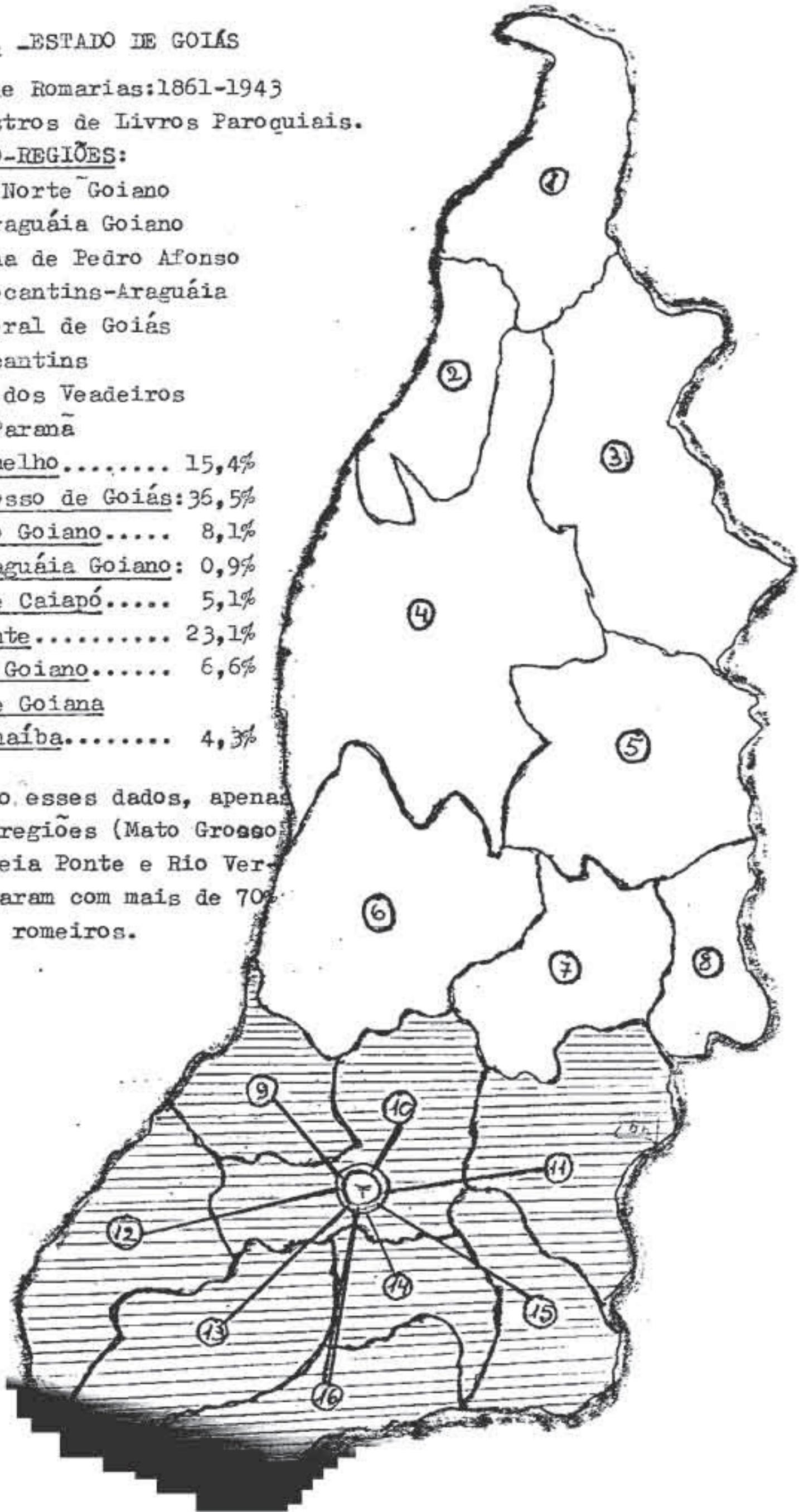
Movimento de Romarias: 1861-1943

Base: registros de Livros Paroquiais.

MICRO-REGIÕES:

1. Extremo Norte Goiano
2. Baixo Araguáia Goiano
3. Tocantine de Pedro Afonso
4. Médio Tocantins-Araguáia
5. Serra Geral de Goiás
6. Alto Tocantins
7. Chapada dos Veadeiros
8. Vão do Paraná
9. Rio Vermelho..... 15,4%
10. Mato Grosso de Goiás: 35,5%
11. Planalto Goiano..... 8,1%
12. Alto Araguáia Goiano: 0,9%
13. Serra de Caiapó..... 5,1%
14. Meia Ponte..... 23,1%
15. Sudeste Goiano..... 6,6%
16. Vertente Goiana
do Paranaíba..... 4,3%

Obs. Segundo esses dados, apenas três Micro-regiões (Mato Grosso de Goiás, Meia Ponte e Rio Vermelho) entraram com mais de 70% do total de romeiros.



ANEXO N° 12 - ESTADO DE GOIÁS.

ROMARIA DE 1975 - Censo rodoviário

Participação das Micro-Regiões na Romaria.

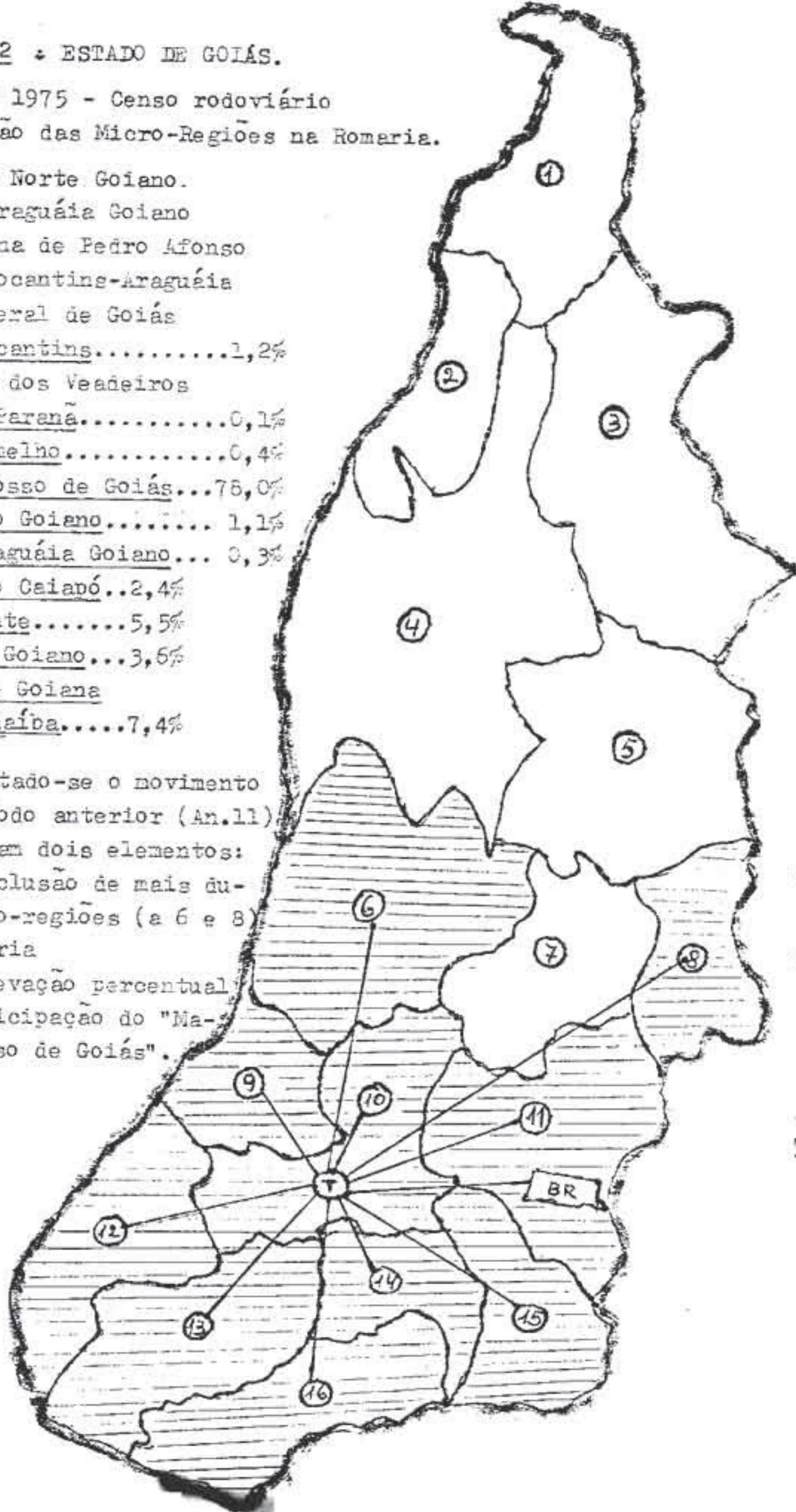
1. Extremo Norte Goiano.
2. Baixo Araguaia Goiano
3. Tocantina de Pedro Afonso
4. Médio Tocantins-Araguaia
5. Serra Geral de Goiás
6. Alto Tocantins.....1,2%
7. Chapada dos Veadeiros
8. Vão do Paranaíba.....0,1%
9. Rio Vermelho.....0,4%
10. Mato Grosso de Goiás...76,0%
11. Planalto Goiano..... 1,1%
12. Alto Araguaia Goiano... 0,3%
13. Serra do Caiapó..2,4%
14. Meia Ponte.....5,5%
15. Sudeste Goiano...3,6%
16. Vertente Goiana
do Paranaíba.....7,4%

Obs. - confrontado-se o movimento
do período anterior (An.11)

ressaltam dois elementos:

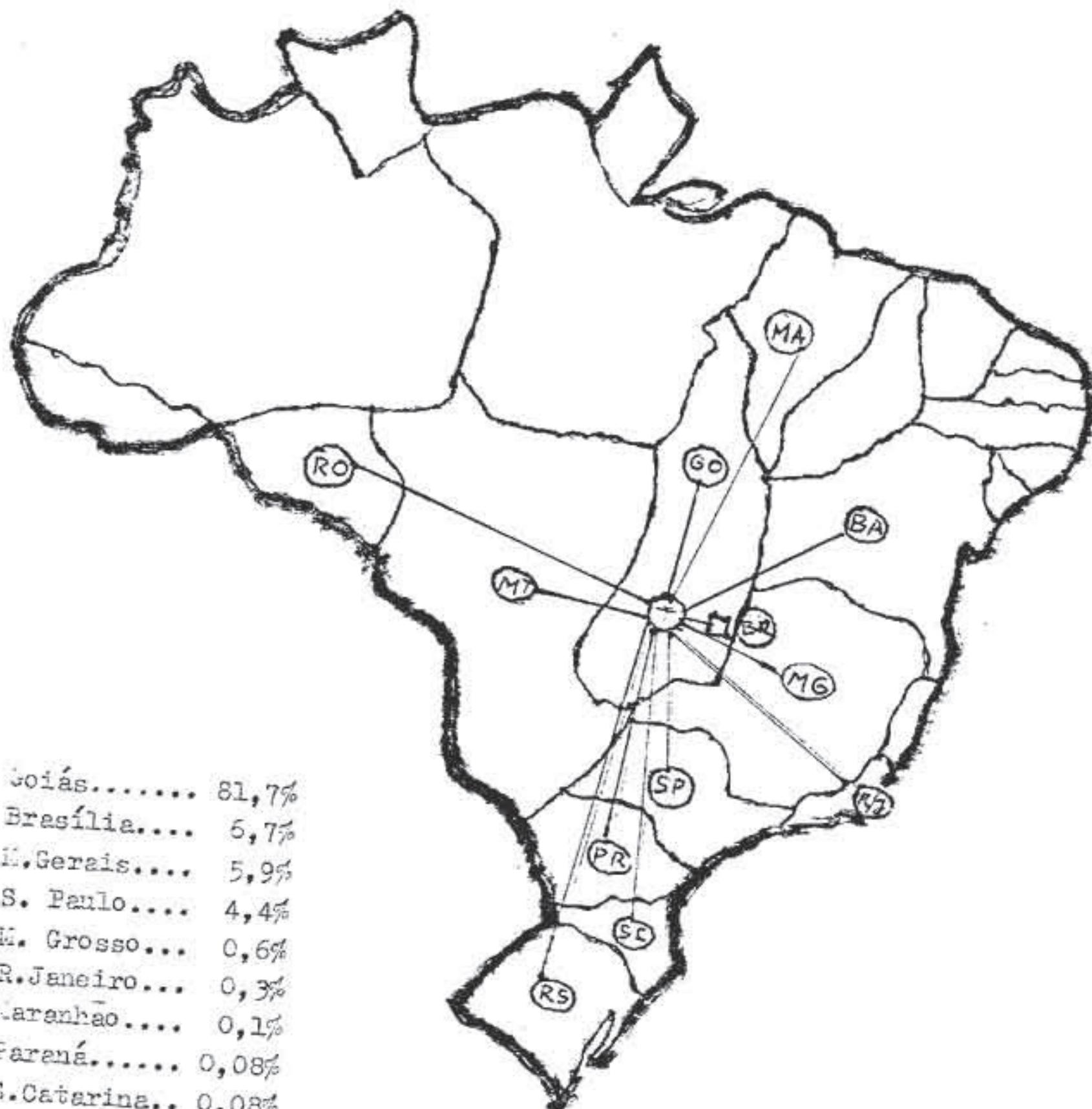
a) a inclusão de mais duas Micro-regiões (a 6 e 8)
na Romaria

b) a elevação percentual
da participação do "Ma-
to Grosso de Goiás".



ANEXO Nº 15 - BRASIL.

Romaria de 1975 - Censo Rodoviário
Participação dos Estados.



Goiás.....	81,7%
Brasília....	6,7%
M.Gerais....	5,9%
S. Paulo....	4,4%
M. Grosso...	0,6%
R.Janeiro...	0,3%
Maranhão....	0,1%
Paraná.....	0,08%
S.Catarina..	0,08%
Rondônia....	0,06%
R.Gr.Sul....	0,04%
Bahia.....	0,04%

ANEXO Nº 14

HINO DOS ROMEIROS DE TRINDADE

(Letra de Mons. Primo Vieira, Doutor em Letras pela USP., Chanceler da Cúria Arquidiocesana de Goiânia, Vice-diretor do ICHL., da UFGO e Professor no Departamento de Letras, da mesma) - Percebe-se a tônica do Catolicismo Eclesial Pós-Conciliar.

Somos povo de Deus caminhando
Para a luz da Trindade sem véu;
Se à Trindade aqui vimos rezando
Somos todos romeiros do Céu!

Pelo Espírito Santo guiados
Demandamos à Casa do Pai;
Para nós, em Deus-Filho irmanados
Uma voz vem do Céu: caminhei!

Vendo a Virgem coroada de glória,
Junto a Deus no seu trono de luz,
Compreendemos que a nossa vitória,
É a conquista de amor pela cruz.

Nossa fé, testemunho profundo,
Alimenta-se em graça e oração;
Consagrar para Deus este mundo
Há de ser nosso anseio cristão.

(Observação: a Mensagem da Imagem do Santuário de Trindade, muito bem expressa no Hino, é a seguinte, segundo o opôsculo "Lembrança do Santuário do Divino Pai Eterno", 1974, p.104.):

"Reunidos em Cristo,
Tendo Maria, como Mãe e Modelo,
Somos dirigidos pelo Espírito Santo,
Na peregrinação para a Casa do Pai"

Q mais um mirage!!!

Confesso sobre minha salvoção de Christus, a todos apontos estou humilde declararão ser que, nos fins do anno de 1916, me chegou com todos os meus negócios bastantes atapuhados, a ponto de já pensar nenhuma recuperação.... como ultimamente ambirei-me de morrer no Pórtico Padre Eterno; - intendo-o: - eis visto santuário agradecerei-lhe a graça milagrosa, trazendo-me um óculo em diante no seu velho, voltar também o pi, assim como vim, ao meu lar, deixar esta simplici, pobre, grata felicidade e ter sempre em minha sala de visita uma estampa das Tres Pessoas da Santíssima Trindade encobrindo a Virgem Maria. Atentado desde o momento que a devo respeitei, sem fergado, por este óculo, a felicidade que hoje já posso em perfeito solido, superar a outra em contos de mil.

De um grijoso grato.

(Extraído da Autobiografia de D. Eduardo, inédita e datilografada, sobre as crenças populares em Goiás, nos fins do sec. XIX, p. 37 e 38).

..."Estando ainda em Campinhas veio consultar-me um tal de Moura, dizendo-se vítima da tal comissão ou irmandade do Barro Preto que dela o expulsara quando fora ele um dos fundadores da tal romaria. Respondi-lhe que lá eu estaria depois de alguns dias e me informaria sobre o caso. Tomou então ele um embrulho e com muito misterio disse-me estas palavras textuais: Achei senhor Bispo. Achou o que, perguntei. Achei a Senhora Aparecida lá na gruta das Antas, respondeu. Contou-me então esta historia que ele forjou, pensando que eu nela acreditasse e assim autorizado pela minha aprovação, pudesse começar uma nova exploração de milagres e fazer a fortuna que pretendia fazer em Barro Preto e que seus companheiros não deixaram, não querendo sócios na comandita milagreira.

Eis a historia: Estive muito doente e não havendo nem remedios e nem balsamos que me fizesse sarar, fiz minha promessa de confessar meus pecados e depois ir em romaria a Lapa das Antas onde como me disseram Nossa Senhora Aparecida fazia muitos milagres aos que lá fossem e bebessem da agua que ali corre. De fato assim fiz e imediatamente fiquei curado e cavacando ali no chão achei a Senhora Aparecida (que espertalhão! queria fazer uma Lourdes em Goiás!) que aqui trago para lhe mostrar; e começou a desembrulhar de uns lenços de seda nos quais estava envolvida uma belíssima imagem de Nossa Senhora da Conceição em madeira.

Percebendo a esperteza do tal Moura mostrei-me também maravilhado pelo achado, louvei o trabalho artístico (que certamente não viera do céo) e lhe disse: meu amigo, o senhor achou um tesouro e de tanto valor religioso e tão sagrado que ninguém a ser o bispo nele pode tocar, e sem mais nada acrescentar fechei a imagem à chave na minha canastra que ali estava. Por tal não esperava o espertalhão e sem mais nada poder dizer foi se levantando e dando às de vila Diogo. Sairá-lhe como se diz, a porca mal capada.

ral, Conego José Inácio, reconheceu-a logo e disse: Senhor Bispo, essa imagem foi feita aqui pelo Henrique Veiga. Acahou-se assim a nova fábrica de milagres e no nascedouro uma nova Apparecida. A romaria porém dos becos ainda continuou por algum tempo em Araras, porque o vigário, bastante ignorante a fomentava inde la celebrar, o que logo proibiu de baixo de suspensão, publicado na Gazeta Goiana a minha proibição o que mereceu aplausos do Governador do Estado.

A propósito da tal Lapa, da água milagrosa e das aparições direi o que se passou com o Padre Gomes, Vigário do Bomfim, sacerdote ilustrado e de muita finura (apesar de muito gordo): querendo o padre Gomes desmascarar e desmanchar aquela superstição, também lá foi, fingindo acreditar naquela baboseira. A tal lapa ou loca, contou-me ele tem dois orifícios: de um lado deviam os que querem ver a aparição e ali ficam como que hipnotizados. De repente exclama um: ai vem uma procissão e todos veem a tal procissão. Outras vezes o que dizem é o Padre Eterno, outros a Nossa Senhora e outros também o grande missionário Padre Jérônimo ou qualquer missionário muito falado. Estando eu a presenciar aquele triste espetáculo, vi junto de mim um grande sapo, dei-lhe com o pé e ele lá se foi mergulhar dentro da loca. Imediatamente gritaram todos: É um anjo! Quer saber mais, senhor Bispo? Retirei-me e uma legoa perto de Bomfim mandei o meu camaradinho encher de água de um correio que por ali passa, uma garrafa vazia. Chegando a Bomfim muita gente veio pedir informações sobre a loca, sua água e suas aparições. Inventei e contei mil coisas que eu disselas ter visto. Sr. Vigário, disseram, então porque não nos trouxe da água santa? Trouxe sim e logo mandei buscar minha garrafa. Causa inaudita, sr. Bispo! Toda aquela gente que via a minha casa posse em redor da mesa, sobre a qual eu pus a garrafa e toda ela afirmava estar vendo tudo quanto inventei e contei. Eis o efeito da sugestão! E assim são tantas outras coisas que se conta e corre o mundo".